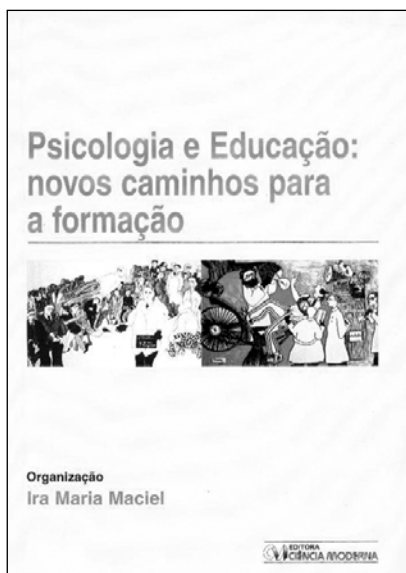


RELEITURAS DA PSICOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES: ESPAÇOS, TEMPOS, CONCEITOS

Jane Paiva*



MACIEL, Ira Maria (org.) *Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001. 229p.

O que significam os conceitos de autonomia e cidadania para educadores? Ou seus possíveis sentidos, por demais desgastados, não são mais objeto de investigação, postos ao rigor metódico da ciência? Como esses conceitos vêm sendo produzidos e produzindo sujeitos e subjetividades, ao longo da história da escola e de suas práticas?

Estas parecem ser as questões-guia que orientaram a publicação de *Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação*. Os educadores em processos de formação inicial e continuada podem se alegrar com a chegada desse título à área da Psicologia da Educação. O plano de publicação da obra, organizada pela Prof^a. Ira Maria Maciel, e desenvolvido por ela própria em parceria com mais seis professoras/or universitárias/o,

inclui aspectos teórico-metodológicos que merecem destaque. Do ponto de vista da *forma*, a *historicidade* se apresenta como pano de fundo do pensamento dos autores / teóricos, do pensamento da época e os confrontos / acordos com ele estabelecidos, e, ainda, a *contextualização das condições da produção teórica*, nos espaços-tempos históricos. Do ponto de vista do *conteúdo*, dois *eixos conceituais* procuraram conduzir a argumentação dos autores – a *autonomia* e a *cidadania* –, revelando uma preocupação constante em trazer as concepções de homem / mundo / sociedade de cada teórico para, a partir delas, discutir as implicações com a educação e com os processos de aprendizagem. Por último, *metodologicamente*, o livro se produziu na interlocução com alguns leitores, simbolizando os potenciais e virtuais leitores que a equipe tinha em mente quando pensou o conjunto da obra e seu desenvolvimento. Esta característica, pouco ou nada usual nos modos de construir projetos editoriais, parece revelar um dado novo para o trabalho com o suporte livro, impregnando-o, talvez, do que os suportes eletrônicos vêm tentando produzir de diversas maneiras, nos convites à participação do internauta-leitor. Esses leitores e os sentidos por eles atribuídos aos textos em versão preliminar, sem dúvida, devem ter contribuído fortemente para balizar “doses”, “indicações” e “modos de usar” a teoria e o discurso acadêmico, tornando a obra mais inteligível ao público prioritário a que se destina.

Na primeira parte do livro, *A Busca da Autonomia*, Ira Maciel e Tânia Catharino traçam rotas de aproximação com fios e laços entre os processos formativos e as contribuições da psicologia, pela análise institucional, tecendo com eles novas compreensões sobre os processos pedagógicos

*Doutoranda em Educação da UFF. Prof^a. Assistente da Faculdade de Educação da Uerj.

que favorecem o aprendizado da autonomia como perspectiva cidadã, porque centrada na dimensão relacional dos processos psi e da política.

Trazendo alguns teóricos indispensáveis ao estudo da Psicologia – Vygotsky, Piaget, Skinner e Freud –, três autoras (Ira Maciel, Márcia Souto Maior e Maria Regina Maciel), na segunda parte intitulada *Construindo a base teórico-prática do processo pedagógico*, buscam realizar o percurso epistemológico da construção dos conceitos de autonomia e de cidadania como integrantes das teorias de conhecimento enunciadas por esses autores.

Em Vygotsky, a explicitação da pertinência com que o autor perseguiu a coerência entre Psicologia e a formulação marxista, passando do plano do indivíduo para o do sujeito coletivo, deixa claro o encontro de um novo paradigma em oposição ao vigente, já naquela época, início do século passado, fazendo-nos pôr em cheque, ainda hoje, e uma vez mais, a neutralidade do conhecimento científico e sua imbricação com os sistemas ideológicos. A autora desenvolve os principais conceitos vygotkianos na relação direta com as visões de mundo do autor e de suas utopias por um novo paradigma para a Psicologia.

Piaget, mais conhecido e frequentemente apropriado superficialmente, a partir de volatilizações de sua obra, é revisitado e, para melhor trazer seu pensamento à análise, a autora vale-se de muitos exemplos, que ajudam o leitor na compreensão de seu sistema conceitual.

Skinner, ressignificado pelo lugar que o livro lhe confere, tem sua obra sob a lupa, buscando reduzir a miopia que rejeitou, sumariamente, a construção do seu pensamento, quando o tecnicismo deixou de “dar ibope”. O trabalho das autoras faz uma importante passagem pela sua obra, destacando as formas como pesquisadores se interessam pela ciência e chegam a ser o que são, pelo método, rigor e disciplina intelectual que constituem.

Encerrando a segunda parte, apesar de a autora iniciar afirmando a dificuldade de trazer Freud para esta obra, pelo fato de não ter estado ele vinculado à questão educacional, consegue estabelecer uma interessante relação, aproximando a teoria freudiana das exigências na formação de educadores.

Na terceira parte do livro, *Conhecendo o cotidiano escolar em suas múltiplas relações*, Diva Conde, Marisa Rocha e Luís Antônio Baptista convidam os leitores a repensar as práticas escolares no que diz respeito aos modos como as subjetividades se produzem nesse espaço, a partir do currículo e da autoridade dos especialistas, que frequentemente invisibilizam o saber dos professores ou os fazem falar, mas “dizendo” aquilo que já está no “script” para ser dito, sobre alunos, famílias, cotidianos de vida, de morte... estabelecendo lugares definitivos aos diferentes da escola – fracassados, por eles mesmos, e só por sua culpa. Que intervenções criar, de modo a pensar alternativas possíveis que destaquem os silenciados, os professores que resistem, que pensam a prática, apesar de não autorizados a fazê-lo? Algumas idéias estão aí expostas, mostrando que é possível pensar outros caminhos, para além dos muitos já instituídos na formação de educadores. Tentados, muitas vezes, mas insuficientes para dar conta da complexidade do real, na forma como Esther Arantes nos alerta, na abertura do livro: “quanto mais a razão se fecha em um modelo pretensamente único e absoluto, maior é o empobrecimento do pensamento, a domesticação da vida e a intolerância à diferença. Em outras palavras: cresce o campo da não-razão e da violência”. É preciso, pois, fundar novos territórios, instituir outros “regimes de verdade”, nascidos de dentro do que está posto. Nada é imutável, se a história, como nos faz ver a fábula de L. A. Baptista, não for apenas memória desbotada, mas produção de sujeitos autônomos – história como possibilidade.